ANO XI / JUNHO 1953 / N.º 106



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 268

SUMÁRIO

O Culto ao Sagrado Coração de Jesus — Marques Dias 141

A Igreja e o problema da Assistência — Carlos Galamba 149

Padres-operários ? — Chevalier Max Blanchart 156

Livros que lhe serão úteis — C. 158

Pensando em Romano Guardini — F. M. Carvalho 159

Pela imprensa estrangeira — F. Melro 163

O livro do mês — A. Jorge 165

Crónica — A. Tavares 167

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

O culto ao Sagrado Coração de Jesus

A devoção ao Santíssimo Coração de Jesus, tal como hoje se encontra, data apenas da segunda metade do século XVII.

Àparte os não claros testemunhos de Orígenes e de S.to Agostinho. pode dizer-se que, até à Idade Média, se desconheceu o culto, mesmo privado ao Coração de Jesus. É nas vidas de S. Bernardo, S. Boaventura. S.ta Matilde e de S.ta Gertrudes que se encontram as primeiras manifestações inequívocas do culto ao amor de Cristo, simbolizado pelo Seu Coração de carne.

Volvidos séculos, o Jansenismo, «pregando que Deus, de preferência a ser amado como Pai, deve ser temido como implacável Juiz», (1) entibiou os cristãos no amor divino.

À vista dos males causados pela «mais subtil de todas as heresias» (2) o nosso Redentor dignou-se, em repetidas aparições (desde 1673 a 1675) a S.ta Margarida Maria Alacoque, manifestar-nos, por meio dela, o Seu Coração como símbolo e emblema do Seu amor.

Quase ao mesmo tempo, aparece S. João Eudes, que, pelos seus escritos e apostolado, foi o verdadeiro pai e doutor deste mesmo culto — disse Pio X.

A nova devoção começa a ganhar terreno e já a 20 de Julho de 1685, as Visitandinas da pequena comunidade de Paray-le-Monial conseguiram, devido aos esforços do incansável apóstolo do S. Coração, Beato P. Cláudio de la Colombière, S. J., prestar as primeiras homenagens públicas ao Sagrado Coração de Jesus. (3) Embora modestas e quase hesitantes não passaram despercebidas a certos teólogos, que logo teme-

(1) Pio XI, «Miserentissimus Redemptor», A. A. S., 1928. pág. 166.
(2) Ibid.
(3) J. Bainvel, Art. «Coeur Sacré de Jésus», Dict. Théol., col. 328.

ram não fosse a nova devoção uma forma moderna de Nestorianismo.

No meio de ataques, e mesmo calúnias e injúrias, as Visitandinas, apoiadas por alguns defensores da nova causa, fizeram violência ao Céu e a Roma e conseguiram, com a intervenção da destronada rainha da Inglaterra, Maria de Este, esposa de Tiago II, um decreto da S. C. dos Ritos em 30 de Março de 1697, pelo qual era concedido aos seus mosteiros o privilégio de celebrar a Missa das Cinco Chagas em honra do S. Coração.

Perante as desconfianças de muitos, o novo culto precisava dum apoio teológico. Este não se fez esperar, pois o encontramos logo nas obras do Beato de la Colombière — director espiritual de S.ta Margarida Maria — e depois nas dos P.es Croiset, Froment, Bouzonié e sobretudo nas do P.e Galliffet.

Passadas dificuldades sem conta, a S. C. dos Ritos dá, a 25 de Janeiro de 1765, um decreto, que a 6 de Fevereiro é aprovado por Clemente XIII, pelo qual se concedia ampliar o culto já existente e uma festa especial ao Coração de Jesus apenas para a Polónia e Arquiconfraria de Roma. (1)

Já nesta altura, e mesmo antes, tinham sido dados tantos breves e havia tantas confrarias erectas com o título do S. Coração, que, de toda a parte, chegam a Roma pedidos no sentido de estender, a toda a Igreja, os privilégios da Polónia e da Arquiconfraria de Roma.

Pio IX, a pedido sobretudo dos bispos franceses, reunidos em Paris para o baptismo do príncipe imperial, estendeu a festa à Igreja Universal com o rito duples maior. (Dec. de 23 de Agosto de 1856).

Embora já estivesse vencida a «malícia de alguns homens e sobretudo a do Inferno», a piedade dos fiéis exige mais em favor do Sagrado Coração e a 28 de Junho de 1889 a festa é elevada, para toda a Igreja, ao rito duples de I classe.

Portugal também teve a sua parte na apoteose geral ao Sagrado Coração de Jesus. A 10 de Junho de 1898 saía do mosteiro do Bom Pastor (Porto) uma carta dirigida a Leão XIII. A religiosa, que a assinou a lápis, pedia ao Vigário de Cristo a consagração da espécie humana ao S. Coração de Jesus. O Papa, embora comovido pela simplicidade da religiosa, atribuiu o caso a qualquer leviandade mística.

A 15 de Janeiro de 1899, uma nova carta da mesma postulante es-

(1) Cf. Gardellini, «Decreta Authentica», 1857, n. 4579, t. III, pág. 174.

crita «por ordem *expressiva* de Nosso Senhor e com o consentimento do meu confessor», chega às mãos do Sumo Pontífice. Assinava esta carta «Soeur Marie du Divin Coeur Droste zu Vischering, supérieure du nonastére dum Bon-Pasteur, à Porto». (1)

Além do pedido formulado na primeira carta, a Madre Maria do Divino Coração lembra ao Papa que seria agradável ao Coração de Jesus que Sua Santidade exortasse os fiéis e o clero a aumentarem a devoção das primeiras sextas-feiras do mês. Acedendo ao pedido, que não por causa dele, o grande Pontífice, nesse mesmo ano, consagra a espécie humana, incluindo os infiéis, ao Divino Coração de Jesus.

Passadas e vencidas as graves dificuldades dos primeiros decénios, o culto ao S. Coração impôs-se vitoriosamente a famílias, sociedades, magistrados, teólogos, cidades e nações. Esta marcha triunfal não terminou ainda, e já em nossos dias (1929) Pio XI compôs uma nova missa e novo ofício do S. Coração e acrescentou à festa uma oitava privilegiada.

*

* *

Ainda que a estreiteza das nossas fórmulas por vezes tornem algum tanto diminuida a riqueza do assunto em causa, parece-me ser de muito grande importância a determinação exacta do sentido das palavras empregadas. Considere-se portanto, a ideia significada pela palavra *culto*.

Em linguagem teológica entende-se por *culto* a reverência ou honra prestada a alguma pessoa ou coisa em razão da sua dignidade.

Pode dividir-se em: *culto de latria,* que só a Deus se tributa por causa da Sua dignidade incriada e infinita; *culto de dulia,* que se tributa aos santos por causa da sua dignidade sobrenatural mas finita: *culto de hiperdulia,* o que se tributa à SS. Virgem em virtude da sua dignidade singular.

Divide-se ainda em: *absoluto,* se se tributa à pessoa por causa da dignidade que lhe é própria e intrínseca; *relativo,* se se tributa a uma coisa, não por causa de si, mas em virtude da dignidade da pessoa que é representada por essa coisa, ou à qual essa coisa se refere, v. g. imagens, relíquias... (2)

---

(1) J. Bainvel, loc. cit. col. 342.

(2) Cf. J. M. Hervé, «Manuale Theologiae Dogmaticae», vol. II, 1949, págs. 431, 432.

Finalmente divide-se em: *Público,* o que foi instituido pela Igreja e em seu nome é prestado; *privado,* aquele a que falta alguma destas duas notas. (1)

Eis que surge o primeiro problema: qual é o objecto do culto ao Sagrado Coração?

«A própria Pessoa do Redentor, com tudo o que Ela é e tem, é o objecto comum e primário de todas as festas e de todas as devoções que tendem à gloficação de Nosso Senhor Jesus Cristo». (2)

Toda a adoração se dirige principal e primàriamente à pessoa. Ora, havendo em Cristo apenas um suposto, uma Pessoa (o que no caso é o mesmo), toda a adoração que se Lhe tributa, é dirigida à sua Pessoa. É portanto Ela o objecto material e total do culto ao Sagrado Coração.

Este objecto total pode, por assim dizer, subdividir-se em objectos parciais todas as vezes que, a juízo da S.ta Igreja, houver para isso *motivo especial.* Deste modo poder-se-ão considerar como objectos parciais determinados mistérios da vida de Cristo ou partes especiais da Sua natureza humana; v. g. Paixão, Cinco Chagas... Ora a S.ta Igreja julgou que «a caridade de Cristo para com os homens... honrada sob o símbolo do Seu Divino Coração» constitue *razão especial* para um novo culto.

Portanto o objecto parcial do culto ao S. Coração é o próprio coração físico ou material de Jesus, não por si, mas «unido substancialmente ao Verbo de Deus», (3) e enquanto símbolo do Amor de Cristo. Isto mesmo nos diz a S.ta Igreja: — «...ó Senhor Santo... que quiseste fosse traspassado pela lança do soldado o Vosso Unigénito..., para que o Seu Coração aberto...» (4)

Ainda que o objecto formal, ou o motivo da adoração prestada a Cristo seja apenas um — a dignidade incriada da sua Pessoa — encontramos, sempre que se trata duma nova devoção, uma *razão especial* para ela. Assim, no culto ao S. Coração, esta *razão especial* encontra-se no facto de o Coração de Jesus, como símbolo do amor, nos manifestar de modo particular a imensa caridade de Cristo.

— Este coração simboliza apenas o amor humano ou criado do Re-

(1) Noldin — Schmitt, «Summa theologiae moralis», vol. II, edit. XXVII, 1951, págs. 135, 136.
(2) Bento XIV, cit. por Fr. Francisco, SS-CC, em «Eis o Coração», pág .17.
(3) Ladainha do S. C. de Jesus, invoc. 3.ª.
(4) Prefácio da missa do S. Coração.

dentor ou também o seu amor divino ou incriado?

a) — O Coração de Jésus simboliza directa e imediatamente o amor criado.

Quer o coração seja, segundo a fisiologia, o órgão elicitivo quer apenas manifestativo dos afectos, a verdade é que ele é a parte do corpo mais usada em todos os povos, para simbolizar o amor. Escusado é dizer que é o amor humano o que o consenso universal vê no simbolismo do coração. Mas, por outro lado, a S.ta Igreja adoptou esse modo de representar o amor no culto à «Pessoa do Verbo Incarnado considerada no seu amor, simbolizado no coração orgânico» (1). Logo, quis significar-nos que o amor criado ou humano de Cristo é objecto deste culto.

À mesma conclusão se chega verificando, por exemplo, este documento da S.ta Igreja — «Vinde, adoremos o Coração de Jesus, *ferido por nosso amor*». (2)

A modo de confirmação pode citar-se uma passagem das revelações a S.ta Margarida Maria em que Jesus Cristo lhe diz: — «Eis o Coração *que tanto amou os homens,* que a nada se poupou para lhes provar o seu amor, até se esgotar e consumir». (3)

b) — Se a respeito do primeiro ponto não há discussão entre os teólogos, há-a, todavia, ao considerar se pelo coração corpóreo de Jesus é também simbolizado ou não o Seu amor Incriado. Por outras palavras: adorando-se o Coração de Jesus, venera-se apenas o amor do Homem-Deus ou também o amor eterno do Verbo?

Antes de apresentar qualquer espécie de solução convém dizer que não foram os teólogos nem os filólogos que instituiram ou adoptaram o símbolo e lhe determinaram o valor representativo. Este papel cabe exclusivamente à S.ta Igreja. Vejamos pois alguns dos seus depoimentos: diz-nos Pio IX: — «A *própria caridade de Deus* nos foi proposta a fim de ser honrada por um culto especial». (4) Mais adiante continua: «...na consagração o amor da criatura corresponda ao *amor do Criador*», e a seguir afirma que «devem ser reparadas as injúrias feitas ao mesmo *Amor Incriado*». (5)

Clemente XIII, no decreto em que aprovou o culto público, disse que

(1) Fr. Francisco, SS — CC, op. cit., pág. 46.
(2) Invitatório da festa do S. Coração.
(3) Cit. por Fr. Francisco, op. cit., pág. 34.
(4) A. A. S., 1928, pág. 166.
(5) Ibid., pág. 169.

à S.ta Igreja quer «renovar a memória daquele amor divino, pelo qual o Filho Unigénito de Deus tomou a natureza humana».

A Liturgia da festa do S. Coração dá-nos testemunhos no mesmo teor: — «Ó Deus... que Vos dignais dar-nos *infinitos tesouros* de amor no coração do Vosso Filho...» (colecta da missa); «O amor Vos (Cristo) obrigou a tomar o vosso corpo mortal» e a seguir «Aquele amor, augusto artífice da terra, do mar e dos astros». (Hino de Matinas).

Ora é impossível desvirtuar estes textos de modo a não ver neles senão o amor criado. Logo o objecto formal *especial* desta devoção é também o Amor incriado, eterno, infinito... não em todos os seus aspectos, mas enquanto manifestado através da Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo . (1)

Se se quisesse resumir em esquema teológico o que fica dito, dir-se-ia que o objecto material total do culto ao Sagrado Coração de Jesus é a Pessoa de Cristo; o objecto material parcial, o Seu coração orgânico; o objecto formal comum, a dignidade infinita da Sua Pessoa; e o objecto formal especial, o Seu amor.

Tendo visto o que se entende por *culto* e qual o objecto da devoção ao S. Coração, ocorre perguntar: com que espécie de culto se deve adorar o Amor de Cristo simbolizado no coração? Vejamos. Cristo, em razão da Sua dignidade infinita merece o culto de latria absoluto. Por outro lado, toda a festa ou devoção, que vise qualquer mistério da vida do Salvador ou qualquer parte da Sua natureza humana, tem por objecto último a Pessoa do Verbo. É lícito concluir que o culto devido ao Coração do nosso Redentor é um culto de latria absoluto. (2)

A esta, outra consideração se junta. Não só os cristãos como indivíduos mas também a sociedade deles, isto é, a Santa Igreja, deve adorar o Coração de Jesus. Mas a adoração instituída e tributada pela Igreja é culto público...

Parece chegado o momento de lançar o último problema: é legítimo este culto?

Desde que se adore o Sacratíssimo Coração de Jesus «enquanto

---

(1) Cf. Fr. Francisco, SS — CC, op. cit., pág. 43. *Obs.* Esta conclusão do Amor Incriado é atacada por Ramière, Franzelin, Vermeersch... e defendida por Bainvel, Joungmann, Billot Terrien, Ugarte de Ercilla, Chevalier, Nilles, Nix, Baruteil...

(2) Cf. J. M. Hervé, op. cit., págs. 433-434.

unido à Pessoa do Verbo», (1) esta devoção não só é legítima como até oportuna.

Se por legítimo se entende o que é conforme à lei proveniente da autoridade competente, o culto ao S. Coração merece-nos plena confiança em virtude dos quase inumeráveis documentos, que, desde Clemente XIII até Pio XI, têm aprovado quer o culto privado quer o público, quer associações quer mesmo Congregações religiosas com o título do S. Coração.

Se por legítima se entende a devoção prestada a um objecto digno, que há de mais nobre do que adorar o amor de Cristo simbolizado pelo Seu Coração físico? Não é este Amor o centro de toda a vida e actividade de Cristo?

Se é digno o objecto, será igualmente digno o fim deste culto? Vejamos apenas qual é esse fim e teremos a resposta adequada. A S.ta Igreja, ao apresentar-nos o Coração de Jesus como objecto dum culto especial, pretende em primeiro lugar, excitar-nos a corresponder ao amor de Jesus Cristo. Em segundo lugar, quere levar-nos a reparar o Amor «desconhecido e ultrajado». (2)

Considerando o momento histórico em que apareceu, este culto é o remédio para a indiferença religiosa a incredulidade dos povos. Trazendo-nos a sua Mensagem de Amor, veio o nosso Redentor espiritualizar esta palavra que, embora conservada, não tinha sentido algum. O Divino Coração tocando assim na fibra mais sensível do homem, desviando-o dos amores desordenados e das mais vergonhosas aberrações do amor sensual, inspirou-lhe um amor verdadeiro, terno, santo, forte e generoso pelas realidades sobrenaturais.

*
* *

Não obstante a universalidade e as repetidas aprovações da S.ta Igreja, o culto do S. Coração ainda tem às vezes os seus ataques.

Dizem uns: — O fundamento do culto ao S. Coração de Jesus é falso, pois o órgão do amor não é o coração mas o cérebro.

Responde-se: — A S.ta Igreja ao adoptar o coração como símbolo do Amor de Cristo não se baseou nesta ou naquela *opinião* fisiológica; seguiu os ditames do senso comum e da convenção universal. Ora estas

(1) Denzinger, «Enchiridion Symbolorum» n.º 1563.
(2) Cf. A. A. S., 1928, pág. 169; Ofertório e colecta da Missa do S. Coração de Jesus.

duas fontes de conhecimento dizem-nos que o coração é a parte do corpo mais nobre e mais apta para simbolizar o amor. Por isso o que não tem fundamento é a objecção.

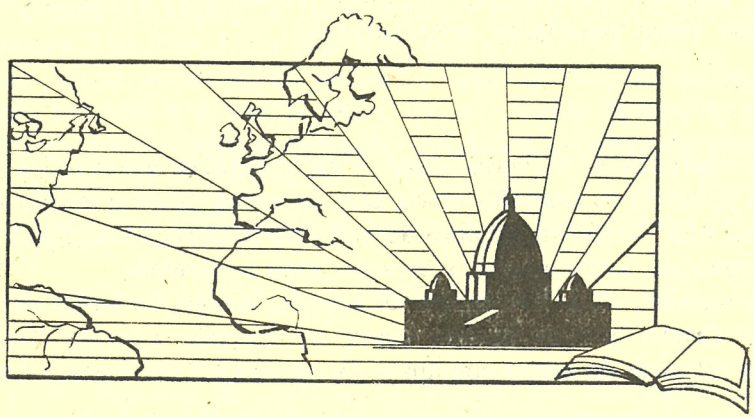
Dizem outros: — O culto ao S. Coração é uma novidade no campo das devoções e como tal deve rejeitar-se.

Responde-se: — Embora novo quanto à organização e ao modo como hoje se considera, o culto ao S. Coração não é, nem pode ser, uma novidade no campo da doutrina católica. O amor de Cristo pelos homens foi conhecido e explorado desde as origens do Cristianismo; não é este a religião do amor mútuo entre Deus e o homem? O que nos últimos tempos apareceu de *novo,* foi uma *nova* luz sob a qual a Igreja encarou o Amor de Cristo, adoptando o Coração para símbolo desse amor.

A fonte deste culto não foram as revelações de S.ta Margarida Maria (històricamente provadas), mas sim e só a Revelação Oficial, entregue à S.ta Igreja para «santamente a guardar e fielmente expor» (1) e não para a acrescentar. As revelações de S.ta Margarida Maria deram apenas ocasião a que a S.ta Igreja considerasse as fontes oficiais da Revelação e delas tirasse as razões necessárias e suficientes para a adopção deste novo culto.

Não há, pois, motivo para impugnar como novidade o culto ao Sagrado Coração de Jesus.

MARQUES DIAS



(1) Denzinger n.º 1836.

A IGREJA
E O PROBLEMA DA ASSISTÊNCIA

Tratando dos remédios para a solução dos problemas sociais, diz Sua Santidade Pio XI na «Quadragesimo Anno»: «...à lei da justiça deve juntar-se a da Caridade, *que é o vínculo de perfeição.* Quanto se enganam portanto os reformadores incautos que, atendendo sòmente a guardar a justiça comutativa, rejeitam com orgulho o concurso da Caridade! Decerto não pode a Caridade substituir a justiça, quando o que é devido se nega inìquamente. Contudo, ainda que o homem alcance enfim quanto lhe é devido, restará sempre um campo imenso aberto à Caridade. Embora a justiça, praticada com todo o rigor, possa extirpar as raízes das lutas sociais, não poderá nunca sòzinha congrassar os ânimos e unir os corações. Ora todas as instituições criadas para consolidar a paz e promover a colaboração social, por mais perfeitas que pareçam, têm o fundamento da sua estabilidade principalmente no vínculo que une as almas; se este falta, tornam-se ineficazes os melhores estatutos, como tantas vezes a experiência no-lo ensinou. Por isso, só haverá verdadeira cooperação de todos para o bem comum, quando as diversas partes da sociedade sentirem ìntimamente que são membros de uma só família, filhos do mesmo Pai Celeste, um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, de modo que, *se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele*». (1)

Este pensamento é repetido em outros documentos de Pio XI e também por Leão XIII e Pio XII. Aliás, nem é novo... Os Apóstolos o enunciaram e o viveram. E todos evocam a lição do Divino Mensageiro do Amor.

Confirmado por tal autoridade, seguro é o nosso julgamento da

(1) «A Igreja e a Questão Social» — União Gráfica — 3.ª edição — pág. 191.

ineficácia da organização social, quando não informada pela Caridade.

De resto, tal julgamento é óbvio. Não sabemos nós como são débeis a nossa inteligência e vontade? Não sabemos quão falível é o critério dos homens? Quão influenciável pelas paixões e pelos acidentes de um instante? Não é conhecida a tendência tão forte para o amor próprio, quão difícil a abnegação e o amor do próximo? As qualidades naturais são sempre insuficientes para fazer vingar uma causa tão complexa. A parcialidade, o preconceito, o erro de visão, o desiquilíbrio entre a razão e o sentimento sempre hão-de intrometer-se... As qualidades naturais não bastam. São excelente ponto de partida, mas se não elevadas pela Graça, se não sustentadas pela Humildade que leva a procurar em Cristo toda a sabedoria, decerto jamais atingirão seu objectivo.

É ideia corrente e acertada que a solução dos problemas sociais depende da renovação da vida cristã. Este renascimento consiste primàriamente em uma reforma interior do homem. «Este ponto é capital e de grandíssima importância — diz o Santo Padre Leão XIII na «Rerum Novarum» — e aqui a acção da Igreja é soberana. Os instrumentos de que ela dispõe para tocar as almas recebeu-os de Jesus Cristo e trazem em si a eficácia de uma virtude divina. São os únicos aptos para penetrar até às profundezas do coração humano, que são capazes de levar o homem a obedecer às imposições do dever, a dominar as suas paixões, a amar a Deus e ao seu próximo com uma Caridade sem limites, a esmagar corajosamente todos os obstáculos que dificultam o seu caminho, na estrada da virtude» (1)

Porque a Igreja, Depositária fiel e Mestra de princípios divinos, é a única Instituição que pode imperar tão profundamente nas consciências dos homens de modo a conduzi-los à superação do que há de menos nobre na sua humanidade; e, porque sem este esforço por um domínio heróico de si mesmos e pela doação amorosa ao bem comum se não pode operar a indispensável revolução das almas, temos de concluir que nenhuma sociedade é capaz de conseguir o êxito da acção social como Ela.

Que é assim, no-lo ensina a experiência, eloquentemente. Haverá muitos traços comuns entre as Misericórdias de hoje, departamentos do Estado, e as Santas Casas da Misericórdia do tempo da Rainha D. Leo-

---

(1) A I. e a Q. S. — pág. 51.

nor? Como explicar que em suas clínicas tantos médicos descrentes prefiram religiosas a enfermeiras leigas, senão porque nelas encontram um préstimo generoso que as outras não possuem? Como compreender o baixo rendimento social de tantos estabelecimentos de assistência e da própria previdência no actual sistema corporativo, senão porque a Caridade está ausente, ou nos princípios, ou pelo menos em toda a ordem da execução? Não que falte um sincero desejo de acertar! Não porque tantas vezes se não procure construir sobre fundamentos cristãos! Porém, tal não basta. «Não basta dar estrutura jurídica à organização corporativa, mas é preciso dar-lhe uma alma, isto é, um espírito de justiça e caridade sociais» — disse o então Cardeal Pacelli em carta à Semana Social de Angers (1)

O Professor Moralejo foca outra face da mesma insuficiência: «É necessário que os homens executem na prática esses princípios (cristãos), que os façam bons pràticamente». E mais adiante insiste: «O triunfo deste ideal depende dos homens que o levarem à prática; e estes não se improvisam numa mesa de estudo, nem se transformam em pouco tempo». (2) Esta formação, lenta, difícil, tem na Igreja a sua obreira. Os fins pretendidos obtêm-se na medida em que os homens encarregados de os conseguir estejam imbuidos de profundo espírito cristão e se mantenham ao longo do tempo fiéis às directrizes do Magistério. Ele é o Mestre da Caridade. Esta, o princípio primeiro de toda a obra social. As regras próximas da acção, nas várias modalidades, serão sempre corolários da Caridade.

Outro é ainda o perigo da ineficácia prática dos bons princípios. Não só a obra temporal ruirá, mas eles próprios serão amesquinhados e objecto de desconfiança. Eis um motivo poderoso para evitar diligentemente toda a discordância entre eles e a acção que inspiram, sabido que toda a incoerência é ruinosa.

Temos pois na Igreja a sociedade mais competente da acção social. Desta competência resulta para Ela um direito e um dever. O Estado inteligente e sério reconhecerá tal direito e facilitará o seu uso. A Igreja tem de exercer de facto esse direito ainda que o Estado não coopere.

Tal exercício está na sua linha de conduta desde o princípio. Às mais antigas Igrejas se pode dar adequadamente o nome de comunidades.

---

(1) «Acção Católica e Acção Social» — S. E. T. — pág. 28.
(2) A. C. e A. S. — pág. 16.

Leiamos em «Actos dos Apóstolos»: «Unidos todos os que criam, louvavam a Deus e participavam da fracção do pão. Tinham tudo em comum. Vendiam os seus bens e distribuíam o preço por todos segundo as necessidades de cada um. E não havia nenhum necessitado entre eles, porque a multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma. E os discípulos de Antioquia resolveram enviar algum socorro aos irmãos que habitavam na Judeia, os quais sabiam estar necessitados. E isto faziam com alegria e simplicidade do coração, sendo bem vistos por todo o povo». (1) Mas, não só os fiéis assim procediam! Os Apóstolos reconheciam no cuidado dos pobres obrigação sua e de tal modo, que sendo insuficientes para toda a missão, «convocaram a multidão dos discípulos e disseram: «Escolhei de entre vós sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de Sabedoria, aos quais encarreguemos de servir às mesas». (2)

Em Roma é conhecida a actividade caritativa dos cristãos, exercida através de associações formadas ao abrigo das leis civis e sempre sob a direcção da hierarquia. Sabemos também quanto esta acção impressionava os gentios para os quais constituía novidade.

Quando ao diácono Lourenço mandaram que apresentasse o tesouro da Igreja, ele pediu três dias para o reunir — e mostrou a multidão de crianças, velhos, doentes e viuvas, que dEla dependia.

O mesmo zelo se encontra ao longo da História em todos os lugares pelos quais passou a Sua mão.

S. Santidade Pio XI resume assim toda esta acção: «Pode dizer-se com toda a verdade, que a Igreja, à semelhança de Cristo, passa através do mundo a bem fazer». (3)

Passa — diz o Santo Padre, empregando o verbo no presente. Quer dizer: ainda hoje assim é... e não pode deixar de ser. Os problemas sociais atingiram uma acuidade e movem o interesse de todos os homens como jamais. Levantam-se vozes para apresentar soluções. À grande internacional ateísta só a grande internacional católica se pode opor. Faltar, seria uma traição à Humanidade. Mas a presença tem de ser marcada pelos princípios sim e também pela aplicação deles em obras. Nos nossos dias nenhuma outra apologética impressiona mais os ho-

(1) Act. 2/42-47; 4/32-34; 11/29.
(2) Act. 6/2.
(3) A I. e a Q. S. — pág. 220.

mens do que as obras, boas testemunhas dos princípios. «Que se aumente a confiança do povo na orientação da Igreja e se lhe dê prova experimental da sua doutrina», conforme «mandam uma gloriosa tradição e a mais urgente necessidade» — escrevia em 1925 o Secretário de Estado do Vaticano à Acção Católica Italiana. (1) E Pio XII afirmava na sua mensagem do Natal de 1942: « O dever da hora presente é de acção e não de lamentações; devemos reconstruir o futuro para bem da sociedade, em vez de lamentar o mal presente ou passado». (2) E em outro passo da mesma mensagem: «Quem, sobretudo se é sacerdote ou cristão, poderia ficar surdo ao grito aflitivo que, no mundo do Deus Justo, reclama justiça e espírito de fraternidade?» (3) A Igreja vela e está presente. E pela voz do Seu Pastor supremo, exorta os Bispos «a prover a estas coisas oportunamente, com prudência e zelo, segundo as necessidades dos homens e dos lugares e a pôr em comum os seus conselhos a este respeito, sempre que se reunirem». (4) Lembra aos sacerdotes o dever de «acudir sem demora aos pobres em geral, como ordena Cristo e Ela própria ensina». Recomenda-lhes a preferência a dar às «obras de vital necessidade para a defesa da fé e da civilização cristã» sobre «todas as outras obras, por mais esplendentes de beleza e de proveito». Repete-lhes que «um sacerdote verdadeira e evangèlicamente pobre faz milagres de bem no meio do povo, como um S. Vicente de Paulo, um Cura de Ars, um S. José Cotolengo, um S. João Bosco e tantos outros». (5) Acusa a falta grave que haveria se «a Acção Católica sòmente se ocupasse da vida interior e não marcasse orientações claras e seguras no sector da vida social». (6) Anuncia à Acção Católica: o dever de «intervir nas questões políticas que se relacionarem com assuntos referentes à religião católica e à doutrina moral», (7) acautelando indefectìvelmente qualquer compromisso com os partidos políticos; a obrigação de «promover instituições de assistência onde não existirem, deixando-lhes contudo a responsabilidade e a autonomia nos assuntos exclusivamente técnicos e económicos», (8) «pois

---

(1) A. C. e A. S. — pág. 7.
(2) A. C. e A. S. — pág. 7.
(3) A. C. e A. S. — pág. 5.
(4) A I. e a Q. S. — pág. 101.
(5) A I. e a Q. S. — pág. 232-233.
(6) A. C. e A. S. — pág. 5.
(7) A. C. e A. S. — pág. 35.
(8) A. C. e A. S. — pág. 41.

muitas vezes não se podem atingir as almas senão aliviando as misérias corporais e as necessidades de ordem económica». (1) Pio XI insiste: «Estas duas actuações, religiosa e social, devem trabalhar de acordo; uma sem a outra é quase sempre ineficaz». (2) E Pio XII reclama atenção para o grande perigo actual: «que se não venha a verificar que as concepções sociais dos católicos são vigorosas, mas a sua acção social é débil». (3)

Finalmente, a voz dos Soberanos Pontífices apela para a união de todos os Cristãos: «A situação reclama-o e reclama-o imperiosamente: são precisos corações fortes e forças unidas». (4) Pede que se evite «a demasiada dispersão de forças que torna menos eficaz a acção social». (5) Enumera as virtudes que mais particularmente fazem render o apostolado social: «A simplicidade, a pureza, a austeridade, a generosidade da própria vida, devem aparecer como o melhor argumento do propagandista católico, o qual terá maior autoridade para proclamar e promover os princípios da Justiça e Caridade sociais». (6) Recorda aos pobres e aos ricos os seus deveres mútuos. Define, citando S. Tomás, a liceidade no uso dos bens: «A esse respeito o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que fàcilmente dê parte delas aos outros em suas necessidades. Por isso o Apóstolo disse: Ordena aos ricos do século... que dêem fàcilmente, que comuniquem as suas riquezas». (7)

Poder-se-á ficar inerte perante este clamor? Será legítimo ainda supor que a acção social é um ramo bastardo da acção espiritual?

A Igreja é a Mestra da Vida Eterna e a eternidade conquista-se no tempo. Por isso, Ela não é indiferente aos problemas temporais dos homens, de cuja solução depende tantas vezes o próprio jornadear no Caminho do Senhor. Ela possui um plano: Quer a sociedade exterior organizada à imagem e semelhança do seu Corpo Místico — Corpo em que circula em vez de sangue, amor; em que todas as células participam fraternalmente em todo o bem e em todo o mal de qualquer delas;

---

(1) A. C. e A. S. — pág. 42.
(2) A. C. e A. S. — pág. 58.
(3) A. C. e A. S. — pág. 59.
(4) A I. e a Q. S. — pág. 119.
(5) A I. e a Q. S — pág. 198.
(6) A. C. e A. S. — pág. 53.
(7) A I. e a Q. S. — pág.47.

Corpo vivificado por uma alma que é o Espírito Divino; governado por uma inteligência e uma vontade que são as de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Este conceito é comunitário, é familiar. Traduz a verdadeira relação entre todos os homens diante do Criador. Não pretende, como o conceito socialista, que mesmo mitigado sempre teve e tem a condenação dos Papas, não pretende — dizia — uma igualização absoluta, a esmo, mono-niveladora. Pretende sim uma igualdade hierarquizada, conforme à natureza, regida pelas leis da Justiça Sobrenatural e da Caridade.

Primeiro existiu o homem e depois a sociedade. A sociedade fez-se para o homem que a quis e conservou. Os direitos do homem têm prioridade. Mas como ele, livremente, sacrificou alguns desse direitos para formar o capital da sociedade, estes direitos dela, sem contradição dos individuais, são tão sagrados como os direitos inalienáveis do homem isolado. Por isso, a Igreja, defendendo sem quebra o direito natural da propriedade privada, igualmente define a índole social deste direito. Diz Pio XI na «Quadragesimo Anno»: «Nem Leão XIII nem os teólogos que ensinaram segundo a doutrina e direcção da Igreja, negaram jamais, ou puseram em dúvida, a dupla espécie de domínio que chamam individual e social...; pelo contrário, foram unânimes em afirmar que a natureza ou o próprio Criador deram ao homem o direito de domínio particular, não só para prover às necessidades próprias e familiares, mas para que sirvam verdadeiramente o seu fim, os bens destinados pelo Criador a toda a família humana...» (1)

Note-se, como postulou Leão XIII, que o direito de propriedade é distinto do seu uso! (2)

E, à guisa de conclusão, é ainda Pio XI quem afirma: «Ora nada disto se pode obter, senão se observa uma ordem certa e bem determinada».

O segredo desta «ordem certa e bem determinada» tem-no a Igreja e ninguém mais nem melhor do que a Igreja. Ela não cala a Sua voz a ensiná-lo e não pode negar-se a realizá-lo.

CARLOS GALAMBA

---

(1) A I. e a Q. S. — pág. 147.
(2) A I. e a Q. S. — pág. 46.

Padres - operários?

Pediram-me que desse o meu parecer sobre a noção de padre-operário». Foi em Junho de 1951 que, em Paris, saiu da imprensa um livro de pleno êxito: «Les Saints vont en Enfer».

Ora o livro que eu cito não pôs em evidência, tal é a minha opinião, os aspectos inerentes a essa particular condição do padre.

Dei-me ao trabalho de lhe procurar alguns, e de tais contactos brotou a necessidade de uns ajustamentos bastante sérios.

O leitor, que haja tido em mãos este livro, julga haver penetrado o problema dos «padres-operários», quando, de facto, a obra apenas nos fornece uma ideia muito superficial do assunto.

Sabem os franceses que na região de Paris, existem uns subúrbios nada favorecidos. Mas ignoram em parte, a miséria espiritual, moral e material que lá impera. O autor não se reprimiu ao pintar com clareza tal estado de coisas. Seria, aliás, necessário ir de visita a esses arrabaldes para se verificar que ele não exagerou.

Há, mesmo, outros lugares em que se nos apresenta uma situação idêntica, e onde, por isso mesmo, é ainda mais melindrosa a situação dos padres-operários.

Ainda que de maneira demasiado rápida, o livro descreve muitíssimo bem o interesse enorme que o Cardeal Suhard teve para com os sacerdotes que assim se dedicam no meio dos operários.

Suponho, todavia, que o retrato do padre-operário dado pelo livro não corresponde àquela imagem que dele para mim vim a fazer.

Onde, pois, os caracteres que neles gostaríamos de encontrar: a intensa piedade interior, o trabalho coordenado com o clero paroquial (reunião semanal com o pároco), a descrição da ambiência espiritual a que ele tem de submeter-se, e, de igual modo, a confissão frequente? Não encontramos no livro a descrição dessa simplicidade que, lá por se adaptar à condição dos humildes, não é menos impregnada pelo come-

dimento que leva ao respeito. O padre não se faz demagogo, faz-se democrata.

Muitas vezes me sucedeu discutir com padres-operários, e nunca hei-de esquecer a impressão que um deles me deixou. Além da profunda santidade que emanava da sua pessoa, logo se lhe adivinhava uma inteligência excepcional e uma extrema humildade. Dotado dum espírito prático elevadíssimo, tinha um vasto conhecimento da engrenagem político-sindical. Andava por uns 35 anos e viera duma família de superior condição social. Dos seus irmãos, todos são dirigentes da sociedade. Muito provàvelmente é à convergência de todos estes factores que ele deve a compreensão do problema operário francês.

Afora outras qualidades que citarei adiante, é absolutamente necessário que o padre-operário se caracterize pela santidade, inteligência, humildade e ciência. Todo ele deve ser, ao mesmo tempo, sacrifício, prudência, doação, espírito prático. Tem que dar provas de abnegação, de perseverança, de optimismo... Mas isso, dir-me-eis, não é dado a toda a gente. Talvez, de facto. Porém, aí é que assenta a marca da vocação do padre-operário. Esta vocação não é apanágio de todos, é um dom de Deus.

Nunca seria demais exigir severidade quanto à selecção entre os padres. O entusiasmo, por muitíssimo até que seja, não basta. Pode, mesmo, ser perigoso, criar eventualmente falsas posições.

Foram vocações unicamente fundadas no entusiasmo que, algumas vezes, lançaram ao descrédito a condição do padre-operário.

Sobre este assunto, irromperam violentas polémicas em numerosas publicações tanto francesas como estrangeiras. Tem-se falseado a opinião pública, seja pela imprensa, seja por estadias momentâneas em França de estrangeiros curiosos que, precipitadamente, se pronunciaram sobre um problema que uma simples entrevista não pode capazmente solucionar. O conjunto deste problema não há-de estudar-se senão por meio de aprofundados conhecimentos e demorados trabalhos.

A falta de fundamento, a falta de critérios sérios, tudo isto fez com que sacerdotes, que desejavam tornar-se padres-operários, jamais fossem além de almas bem intencionadas.

O resultado foi semear o cepticismo sobre o método, e assim comprometer toda a sorte de êxito.

Até se chegou a discutir da oportunidade de continuar tal esforço.

E que dizer do trabalho a realizar fora da França?

Em certas regiões descristianizadas, pode ser um bom meio de penetrar na massa operária, opondo ao mesmo tempo um obstáculo doutro género à tão sagaz influência comunista.

Nos países em que o regime político difere sensìvelmente do regime francês, pode suceder que a Acção Católica bem orientada consiga realizar o trabalho do padre-operário.

Mal andaria eu se aqui me não referisse a duas personalidades da Igreja que intervieram na questão: S. Em. o Cardeal Suhard que abençoou a obra do padre-operário, e S. Em. o Cardeal Gerlier, arcebispo de Lyon, que um dia me deu esta resposta que desnecessita de comentários: «Tenho apenas doze padres-operários. Estou contentíssimo com eles. Roma, ao mesmo tempo que me autorizava a conservá-los, pedia-me que todo eu fosse atenção e prudência».

CHEVALIER MAX BLANCHART

LIVROS QUE LHE SERÃO ÚTEIS

TA VIE COMMENCE AUJOURD'HUI ... *Yvan Daniel — Ed. Ouvrières, Paris, 1953*

Este manual profusamente ilustrado, é uma belà tentativa para realizar Catecismo de perseverança. Destinado a dar uma iniciação religiosa e social aos rapazes e raparigas dos 13 e 14 anos que começam a entrar na vida, tem a vantagem preciosa de seguir o ano litúrgico, tornando-se assim apto a continuar o ensino da catequese.

O assunto está dividido por trimestres, subdividido em meses e semanas. São temas das três divisões principais: — Conheces a tua família? — Aprende um ofício. — Vivamos em conjunto a nossa fé.

MARIE ET NOTRE SACERDOCE ... ... *P.e Neubert — Ed. Spes, Paris, 1952*

O desenvolvimento da Pastoral nos nossos dias, tem trazido a lume os problemas e soluções mais diversas.

Modernamente, no campo do apostolado Sacerdotal está-se a dar relevo ao papel que Maria desempenha nesse apostolado. Este livro do P.e Neubert, chama as atenções para a estreita união que deve haver entre a Mãe de Deus e o Sacerdote, mostrando como este a pode associar às diferentes funções do seu ministério.

CONVERTIDOS DO SÉCULO XX ... ... *Ed. da revista «Magnificat»*

Sob este título estão já publicados cinco fascículos narrando a conversão e biografia de Henri Ghéon, Douglas Hyde, Edith Stein, Max Jacob e Charles Nicolle. A iniciativa é tanto mais de louvar, quanto por estes fascículos de esplêndida apresentação gráfica e agradável leitura, se pode fazer apologética serena e convincente da Verdade Católica.

C.

Grandes Figuras do Catolicismo

Pensando em Romano Guardini

Num dos seus livros, Guardini escreve: «a vontade de voltar ao real, de abrir caminho até ele, tal é o sentido profundo do movimento dos jovens. (...) Basta de fantasmas de palavras; nossos jovens querem de novo ver as coisas face a face» (1) Esta ideia é vincada e sublimada em frases sucessivas.

Em *Vom Geist der Liturgie* (2) (o espírito da Liturgia), escreve ainda: «É preciso ter como princípio, que o bem de cada época e cada forma de actividade espiritual, pode encontrar toda a plenitude nesta religião (católica), que é verdadeiramente capaz de ser tudo para todos».

Nestas duas frases, creio, define Guardini a sua personalidade — é uma alma que vive em contacto íntimo com a realidade, com a vida concreta, e que a medita profundamente. Depois, «conhecedor profundo do verdadeiro sentido do mistério cristão» (3) nele enquadra a vida toda. Mostra-a. E a nós que acreditamos na verdade da religião católica, já não surpreende o encanto das suas obras. Elas não são mais que um mostrar às inteligências sequiosas de verdade, que a Igreja não é o «ministério do espiritual», mas uma vida, em que plenamente se realiza aquela harmonia tão dramàticamente ambicionada pelos jovens de hoje — possuir as coisas em Deus, possuir o finito no Infinito.

Assim é que, se para o mundo de hoje, as palavras não passam de códigos cifrados, cujas chaves são várias consoante as «Escolas», se o racionalismo está abandonado aos abencerragens e todo o movimento hodierno e a procura do «existente», é certo também que a inteligência, ao contacto com o real, logo se interroga — «onde o Ser necessário pos-

(1) Von Heiligen Zeichen. Prefácio.
(2) Vom Geist der Liturgie, cap. VII.
(3) Robert d'Harcourt — L'esprit de La Liturgie — Introdução.

tulado por estes seres contingentes?» É que, dizia Pascal, «em todas as coisas (...), no fim, está Deus». (1)

Guardini foi daqueles que sentiram fundo a necessidade de um «universo humano», não tanto de um mundo que satisfizesse por inteiro as exigências da inteligência, nem, por reacção contra este, daqueloutro criado à medida de uma vontade indolente e enferma, mas sim de um mundo em que o homem, alma e corpo, inteligência e vontade, se sentisse na sua casa natal.

Pensou que a solução estaria no domínio da matéria. Como «scientia est potentia», Guardini estuda sucessivamente química, economia política e medicina. Contudo, não encontra a paz. A necessidade de um Infinito, de um Absoluto, que explicasse o existir destes seres em perpétuo «devir», fazia-se sentir cada vez mais.

Nesta altura, o ressurgimento litúrgico, na Alemanha, começa a esboçar-se entre as massas cultas. Os jovens estudantes, sentindo todo o peso de uma vida que não entendem, respirando um ambiente de inquietação e incerteza que prepara a guerra de 1914-1918, vão procurar a paz em alguns mosteiros, onde, na esperança de se encontrarem a eles mesmos, dão início a longos retiros.

De entre estes mosteiros, o da congregação de Beuron (beneditinos), na região maravilhosa da Suábia (alto Danúbio), dava a estes jovens anémicos de inteligência e vontade, uma sensação de certeza e verdade, que eles não podiam estar muito tempo sem voltar. Onde estaria o segredo? — Numa Liturgia vivida, pura. Ela não era senão o dogma vivido pelo Corpo Místico. O homem aparecia como o sacerdote das criaturas, que as utilizava e lhes dava voz, no seu louvor perene a Deus. A vida e as coisas, saídas de Deus, existiam para O louvar, e o seu fim era Deus.

E aquilo que fora de Deus permanecera incompreensível, encontrava de novo a sua razão de ser. Guardini, ao vislumbrar assim a Verdade que vãmente procurara nas coisas, dedica-se ao seu estudo, e em 1911, contando 26 anos, vence a resistência paterna e é ordenado de Sacerdote.

Encontrada finalmente a Verdade na Igreja Católica, dedicará toda a sua vida a comunicá-la, «dando-lhe o máximo de penetração e de eficácia sobre as sensibilidades contemporâneas», (2) já como pároco, logo

(1) Pensées.
(2) Robert d'Harcourt — Idem.

como professor e escritor. Torna-se assim um dos maiores chefes deste ressurgimento Litúrgico.

Está seu mérito, não em criar doutrina nova, mas em mostrar de novo Cristo e a Igreja, em fazer ver a verdade pura, emergindo do dilúvio de palavras e formalismos, que a tornavam inacessível à maior parte das inteligências. Mas à verdade por ele apresentada, não é a verdade pela verdade, mas a solução verdadeira da vida, realizada no Corpo Místico.

À sedução da mesma doutrina, alia Guardini a beleza da forma. Embora levado para a Alemanha (Mayence), quando contava apenas um ano, conserva, a servir toda a profundeza de seus conceitos, o estilo harmónico e palpitante de vida, próprio dos latinos — Guardini é natural de Vérona (Itália), e de Ascendência romana. É por isso considerado um dos melhores escritores da Alemanha de hoje.

Mas o seu maior atractivo está na simplicidade com que expõe. Ele mesmo escreve: «eu, nada pretendo ensinar. Tão só quero contar, lançar a esmo, sem plano nem método, alguns pensamentos que me vieram. Direi o que vi e como vi. Se tua visão é para ti mais clara e te leva mais longe, tanto melhor, e boa sorte». E no prefácio de uma outra obra, escreve ainda: «nós não possuimos, procuramos...»

É assim, em verdade, este insigne doutor, e ilustre professor. Não se propõe uma exposição doutrinal. Coloca-se ao lado dos que não vêem e querem ver, e fala-lhes, não como o mestre que sabe, mas como o amigo que vive, que assimilou aquilo que ensina.

Por isso, comunicando-se, comunica ciência, mas ciência viva. E o mundo mostra ser desta ciência que ele tem sede. As edições dos seus livros sucedem-se.

Desde «Vom Geist der Liturgie» a abrir com o axioma teológico «Natureza e Graça nada fazem gratuìtamente», e a fechar com o capítulo sobre do «primado do Logos sobre o Ethos, da razão sobre a vontade; passando a «Liturgische Bildung» (educação litúrgica) em que o A. nos adverte que a oração interior só é verdadeira quando se revela no nosso corpo, quando informa cada um dos actos da nossa vida; e terminando na colecção «Von Heiligen Zeichen» (de alguns sinais sagrados) em que é desentranhada toda a riqueza mística, contida nos gestos mais pequeninos, usados na liturgia — sinal da cruz, genuflexão, toque dos sinos, etc., etc.; passando depois à obra mais conhecida entre nós, através da tradução francesa — «Le Seigneur» (2 vol.), da

obra escrita durante a perseguição Nazy, na qual foi expulso da universidade de Berlim, onde era o professor titular da cadeira de filosofia católica; a «Ancelet — Hustache» (a oração do Senhor), profundo e original comentário do Pai-Nosso, palpitante de intensa vida interior; — e finalmente, algumas obras de profundo e delicado realismo, como «Anf dem weg» (sobre o caminho); «Gottes Werklente» (operários de Deus); e outras, são obras insistentemente procuradas pela juventude culta, católica.

*
* *

«Criaste-nos para Vós, Senhor, e inquietado anda nosso coração enquanto não descansa em Vós». Este drama, que Agostinho tão belamente expressou, é de hoje como de sempre.

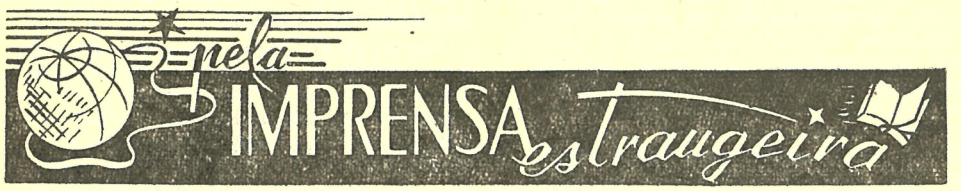
As almas procuram Deus, e não é outra a origem de seus movimentos convulsivos. Mas ao estado de progresso em que o mundo de hoje se encontra, já não satisfazem aqueles conhecimentos de Deus e do dogma, que saciaram a Inteligência medieval. Se o dogma é imutável na sua substância, é também inexaurível nas suas aplicações à vida, separados das quais não interessa a quem busca uma solução para esta.

Guardini, chamado por um crítico o «mestre de intuição psicológica», está convencido que o progresso do mundo é real. Assim, em vez de gritar essa forma estereotipada, de espíritos envelhecidos — «hoje mais que nunca, as potências infernais... etc», fala-nos de uma «primavera», dum «tempo maduro» para uma vida litúrgica intensa.

O que se torna necessário, é apenas despir esse «romantismo de arqueólogo», «conhecer o verdadeiro sentido do mistério cristão», assimilá-lo e, pertencendo ao nosso tempo, comunicá-lo, vivendo-o.

Esta, creio, a mensagem de Guardini.

F. M. CARVALHO



O sacerdote, herói de romance

— Garcia Escudero, «Ateneo», Prado, 14 — Fevereiro — 1953.

Se não fossem tão dignos de respeito os nomes de Graham Green, Bernanos, Bruce Marshall, Cesbron, etc., afirmar-se-ia «estar na moda» a figura do padre católico entre as dominantes personagens do romance actual. Aliás, isso estará dito... J. M. Garcia Escudero dá-nos, contudo, mais forte razão que a dum simples fenómeno de modas para a escolha do padre como figura da literatura ficcionista.

É, afinal, uma confirmação à pergunta de Claudel: — «Padre, como te negarias ao apelo de todas essas bocas que se estendem para ti?» —

«É significativo — diz o crítico espanhol — que os três protagonistas de «O céu e a terra» de Coccioli, «O Poder e a Glória» de Green, e «Utopia» de Stefan Andrés, morram obscuramente fusilados.

Esses leigos, porque são leigos os autores de todas essas obras — querem assim o Padre.

Uma nota comum em todas: o desejo de humanizarem os seus protagonistas. Torná-los homens do nosso tempo. E como o homem de hoje, que se vê em condições de descobrir a Deus, mais que em sua presença, na sua ausência; no vazio que deixa em nossa miséria quando nos ficamos sem Êle. Não é que eles sejam pròpriamente uns padres «mundanos»; são, até, homens de oração, arraigadamente religiosos. Porém, entenebrece-os a distância que os separa de Deus. Daí, o sofrimento dum Don Ardito que Coccioli cria em «O céu e a terra».

O devoto resplendor de santidade desde a nascença é substituido pela consciência inata da indignidade que, umas vezes, faz resplandecer mais fortemente a graça divina, elevando esses homens muito inferiores à sua dignidade até às alturas desta, precisamente quando se apresentam mais confundidos, mais humanos, que outras vezes, por isso mesmo, pode levar a uma teimosa insistência no lado pior da nossa natureza, no lado terrível da nossa fé.

Esses sacerdotes — que se angustiam, não em dúvidas ou tentações da carne, mas na certeza da sua indignidade perante a sublime participação do homem no Sacerdócio de Cristo; que se angustiam menos por pecados de acção que por pecados de omissão, mais por um profundo sentimento de responsabilidade colectiva do que pelas suas faltas individuais — esses sacerdotes são a réplica do nosso tempo ao burguês, funcionário e prudente que quase nunca deixa de lhes ser oposto como contraste necessário, ainda que nem sempre julgado com justiça.

É nesses padres (às vezes, patològicamente excepcionais) que podemos ver o que o leigo de hoje quer e do que necessita (que nem sempre é o mesmo!) Há, contudo, excessos:

— Certos heróis desses romances são

pouco menos que desesperados, mais precisados de guia que aptos para guiar. Outras vezes, essa inquietação leva-os a menosprezar a necessidade da obediência não só para a religião como para a santificação pessoal do sacerdote; ou, insensìvelmente, os arrasta para a chamada «heresia da acção» e para uma fraternidade meramente natural que induz o sacerdote a amar o próximo por si mesmo e não já por Deus, a subordinar a sua santificação pessoal a actividades aparentemente mais instantes. Este conflito é manifesto em «Les Saints vont en Enfer» de Cesbron. Pode até ser que o romance se torne perigoso para muitos leitores: assim, o «Léon Morin» de Béatriz Beck e, um pouco, o próprio «Don Ardito» de Coccioli.

Por isso — diz, enfim, Garcia Escudero — nos refugiamos com alívio no mundo humilde e sorridente dos heróis de Chesterton ou de Bruce Marshall; nos padres Brown, Smith, Malaquias, semeadores da paz; no catolicismo bem seguro do pároco de Torcy, tranquilizadora réplica do pároco de Ambricourt; na bondade dum Don Carlo, possuidor do segredo que só ao fim da vida Don Ardito descobrirá: — Deus é alegria; ou, até, no catolicismo heróico do bom do Don Camilo, de Guareschi.

A Igreja é pela paz

— Chanoine Lalande, «l'Actualité religieuse dans le Monde», Paris, 1 de Maio de 1953.

Há uns dois anos, anunciava-se na maioria das dioceses de França o primeiro Domingo da Paz e a aprovação oficial, dada pelo Episcopado, ao Movimento «Pax Christi».

A partir de então, o Movimento tornou-se um facto. Por toda a França, na Áustria, na Alemanha, na Espanha, na Holanda, na Itália, no Luxemburgo, na Suiça, no Sarre, na Bélgica, o Movimento se vai estendendo e organizando, à conquista de ardentes militantes entre mulheres e homens, entre jovens e adultos.

«Pax Christi» não brotou espontaneamente; é o sincretismo das aspirações de mil e uma organizações, congressos e outros movimentos onde os católicos sempre pregaram o seu desejo e o seu ideal de Paz. Alguma coisa de novo traz, ainda, o «Pax Christi»: um esforço de unidade entre os católicos do mundo inteiro, e a elaboração duma nova ordem internacional.

Várias vezes, Roma tem manifestado o seu desejo de expansão do Movimento. Dois fins se lhe apontam: «Pax Christi» constitui um testemunho da vontade de paz da Igreja. Testemunho para o futuro: — se a guerra surgir ou se a luta fria se eternizar, não será permitido afirmar que a Igreja nada tenha feito pela Paz. Mas, sobretudo, testemunho para o presente: — os esfaimados, os sedentos de paz podem, não só ouvir a Igreja a falar-lhes dela, mas tocar sensìvelmente uma instituição de paz, nascida da fé e da vontade de simples fiéis, encorajada, apoiada e ajudada pelo próprio Papa e pelos Bispos de dez nações.

O segundo fim, mais específico: «Pax Christi» é um instrumento da paz. Instrumento que age criando, primeiramente, um clima, uma influência na opinião através da imprensa, da rádio, do cinema, da televisão. Ao contrário do que muitas vezes se diz, as correntes sociais podem escapar ao determinismo: basta um homem decidido e de voz firme para dominar a multidão apavorada duma sala onde haja princípio de fogo. Aos cristãos, que frequentemente pelo seu fatalismo se tornam cúmplices duma psicose de guerra, «Pax Christi» lembra oportunamente o poder da palavra quando animada pelo Espírito.

A esta eficácia imediata junta «Pax Christi» uma outra: a educação, sobre todos os católicos e, por eles, sobre a opinião mundial, duma consciência internacional.

Mas esta unidade que, não destruindo fronteiras, está acima delas, será pura quimera se os católicos não realizarem antes a sua própria unidade na Igreja. E é este o principal fito do Movimento. Fazer compreender aos católicos que 400 milhões de bocas a rezarem o mesmo Credo e inspiradas pelo mesmo Espírito, são um peso formidável na balança da História.

F. MELRO

O Livro do Mês:

«Essai de Psychologie Pastorale» (1)

Perante os problemas da existência, há dois caminhos possíveis: ou passar de lado, ignorando deliberadamente a dificuldade, ou tentar vencê-la por todos os meios ao seu alcance.

Assim aconteceu na França dos últimos anos. Era trágica a situação da classe operária, após século e meio de lutas, esforços ingratos e incompreensões.

No ambiente perturbado das greves de 36, como depois nos dias amargos da Resistência, a nova geração do clero acreditava que um mundo novo estava a formar-se. A Igreja competia estar presente, cristianizando tal evolução. E onde não há caminho aberto, é difícil, quando não é humanamente impossível, seguir logo de princípio pela rota definitiva.

A abertura de uma via férrea exige toda uma série de planos e estudos. Acresce ainda que nestas questões vitais o homem não consegue fàcilmente manter o equilíbrio, uma vez que se sente já comprometido nelas. Procurando a solução, ele mesmo vive já na angústia da encruzilhada. Daí certos exageros e desvios perfeitamente compreensíveis. Algum tempo depois começa a surgir a estabilização.

E o presente volume é já uma dessas obras de maturidade enquanto recapitula todo o esforço empreendido. É ao mesmo tempo obra de oportunidade, enquanto se lança por caminhos ainda pouco explorados. O título é revelador.

Em excelente introdução, o Autor situa-se num campo de preparação para a Teologia Pastoral. Incapaz de nos referir a actuação da graça divina, a Psicologia Pastoral analisa a base humana que prepara para a mesma graça. O método é «cientificamente indutivo», ao contrário do de toda a Teologia especulativa. Limites ? Como poderiam não existir? Com toda a modéstia e lealdade, Simon Ligier os aponta e declara que não pretende mais que estudar *o adulto dos meios operários da França actual.*

Um 1.º volume, «Ensaio de Psicologia Social», é o estudo exaustivo do psiquismo operário, no ângulo meramente científico. O 2.º volume, a que hoje nos referimos, foca em especial o adulto operário perante a Igreja.

Começa pelas «*Causas psicológicas da descristianização*». O Autor distingue as que afastam certos tipos particulares, e as que mantêm fora da Igreja todo e qualquer adulto. Aponta as seguintes:

Paixão da liberdade.

(1) Simon Ligier, « L" Adulte des Milieux Ouvriers — ESSAI DE PSYCHOLOGIE PASTORALE », Les Éditions Ouvrières, Paris ds

Paixão da justiça. «A miséria, os convites burgueses à resignação, a própria caridade cristã, a demora em reconhecer os direitos fundamentais da pessoa humana, exasperaram no adulto operário a paixão pela justiça e foram alimentando a sua cólera contra os cristãos, contra a Igreja e contra Deus». (p. 64)

Espírito revolucionário, bem alimentado por uma propaganda inteligente.

Consciência de classe.

Não se pretendem canonizar estas tendências. Algumas são mesmo graves defeitos positivos. Mas o certo é que explicam o afastamento da Igreja.

A 2.ª parte, «*A caminho da evangelização...*» abre-nos perspectivas admiráveis.

Por onde começar o trabalho de recristianização ?» — Pelos adultos, primàriamente. E de preferência, pelos homens. Cederia à tentação da facilidade quem se cingisse à formação das crianças ou da juventude ou se dedicasse exclusivamente ao apostolado feminino.

O homem adulto, membro da cidade de Deus e da cidade terrestre é que sustenta as estruturas sociais que por sua vez modificam singularmente quem nelas se enquadra. Lidar com adultos é tarefa lenta e ingrata, mas é também a única verdadeiramente eficaz para os dias de amanhã. Não obstante, «as tentativas de cristianização do proletariado só serão eficazes se a Igreja estiver activa nos outros meios sociais». (p. 88)

Outro ponto: «*Que Igreja havemos de apresentar a estes cristãos, e através deles, a todo o mundo operário?* Antes de mais nada, uma Igreja Santa. «Os proletários não são intelectuais, nem têm exigências no domínio da lógica pura, mas como todos os emotivos, são sensíveis a uma lógica viva, à lógica do coração... A tais homens o cristianismo deve aparecer não como uma filosofia, ainda menos como uma metafísica, mas como uma mística viva. E mística esta mais carregada de potencial que todas as mais que ele encontrar no seu meio». (p. 109).

Agora o aspecto negativo: a Igreja deverá apresentar-se, sobretudo nos seus ministros, libertada de preocupações temporais, do dinheiro e do capitalismo, da burguesia e do populismo. E desta forma conseguirá estar presente ao nosso mundo.

Vem em seguida «*A Educação Cristã dos Adultos*» com normas bem concretas para se elevar o nível de cultura humana e de vida cristã.

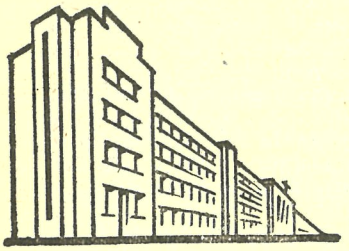
Finalmente, baseado num inquérito exaustivo, S. Ligier, traça-nos um quadro de como deveria ser o *apóstolo* ideal de tais meios. Possuiria quatro qualidades essenciais: «*Maturidade psicológica e cristã; pobreza e simplicidade; caridade; santidade*». (p. 329).

Uma bibliografia extensíssima termina esta obra a vários títulos preciosa.

É certo que entre nós o problema do social só agora começa a delinear-se. E também verdade que o proletariado português ainda não evoluiu o bastante para uma situação desesperada. Mas a nós cumpre abrir os olhos para a gravidade do problema. O mundo não pára. Muito menos retrocede. Recordemos as directivas do Card. Suhard: «O apostolado moderno, sem esquecer ninguém, deverá centrar-se sobretudo sobre a classe operária».

E relembro a veemência de Cardijn, em Abril de 1950, aqui no Seminário, falando aos Padres e seminaristas: «C'est l'heure de la classe ouvrière». De facto, o mundo de amanhã será de quem trabalha.

A. JORGE



CRÓNICA

Maio e Junho

Dois meses de que é impossível falar sem fazer referência à amenidade do clima e à beleza dos campos...

O parque magnífico em que se levanta o Seminário permite-nos assistir, de perto, à renovação prodigiosa da natureza na primavera, oferecendo-nos, nesta altura, o panorama sàdio dum arvoredo compacto semeado de arbustos floridos.

Maio, o mês das flores, é também o mês de Nossa Senhora a Quem tanto mais agradáveis serão as nossas homenagens quanto mais pronunciado o ambiente de pureza e generosidade (como a atmosfera primaveril...) em que procuramos prestar-lhas.

Junho, mês do Coração de Jesus deve aproximar-nos mais do Mestre, ateando em nós a luz da fé e o fogo da caridade.

Trabalho de conjunto

Foi lançado pela O. C. E. mais um inquérito de grande interesse pastoral: Bailes.

Colhidas as informações durante as férias, ridigiram-se as respostas que confirmaram os princípios da moral: divertimento em si indiferente, portanto lícito, mas que de facto constitui, quase sempre, ocasião grave de pecado. Daí a necessidade de ponderar bem as circunstâncias de cada caso concreto, para emitir um juízo acertado. Parece ser preferível que a acção dos párocos, nesta matéria, fôsse indirecta.

Da mesma altura, Abílio Tavares desenvolveu algumas considerações sobre a natureza e organização do Movimento Noelista.

Agradável visita

Passou connosco três dias a figura atraente do monge belga Vanmale, premonstratense, que anda de visita aos seminários maiores do país no intuito de tornar conhecido o P. Eduardo Poppe, sacerdote de virtude invulgar, que serviu na diocese de Gent e para quem se prepara a beatificação.

Sua Rev.ª falou-nos por duas vezes descrevendo-nos a vida e actividade do P. Poppe, bem como a sua espiritualidade e método catequístico que têm como ponto central o culto da Eucaristia.

Na Academia

Fernando Maria de Carvalho falou sobre «Psiquismo e Santidade». Depois de estabelecer a distinção entre o carácter, conjunto de propensões congénitas, e a personalidade, resultado da actuação do «eu» livre através daquele, afirmou que a todos os homens a santidade é possível, embora por vezes o psiquismo anómalo de alguns lhes dificulte sèriamente uma conduta irrepreensível.

Fez em seguida aplicação a três espécies de caracteres diversos.

— Na sala dos Filósofos o académico João Salvado leu um trabalho sobre «Cibernética», um nome novo, dado a uma ciência nova. Foram úteis e oportunos os dados que nos forneceu sobre um assunto de que a maioria nem do vocábulo conhecia a significação. É o estudo dos famosos e desconcertantes cérebros electrónicos e máquinas pensantes.

Descreveu-nos o orador algumas dessas maravilhas e por fim esclareceu algumas dúvidas que podem pôr-se a cer-

tos espíritos menos avisados que se dêem a confrontos entre o funcionamento dessas «maquinetas» e a actividade espiritual da inteligência humana.

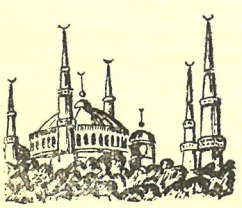
O que eles esperam de nós

Na última sessão resolveu a Academia dar a palavra ao militante e propagandista da J. O. C. Silva Costa, que nos veio definir, segundo o pensamento e desejos dos jovens trabalhadores, o papel dos assistentes nessa grande campanha do apostolado dos leigos.

Afirmou que confiar neles, amá-los, é o maior estímulo que lhes podemos dar. Mas antes, em traços vigorosos, de um vigor todo jocista, referiu-se à deplorável situação material e espiritual do proletariado, e às causas que a ocasionaram. Acentuando que, mais do que qualquer outro indivíduo, o proletário é um produto do meio, apontou a ineficácia das soluções que não atingem a origem dos males e deduziu a necessidade de uma organização que seja movimento do meio na conquista do meio. Tal exigência só a realiza a Acção Católica que duma maneira eficiente promove a cristianização da própria ambiência e mentalidade sociais.

Este contacto com os movimentos novos de apostolado abre-nos o espírito às realidades concretas do mundo cristão de hoje para onde, dentro em breve, iremos cooperar com Deus na salvação das almas.

Dia do Oriente



Escolhemos o dia 26 de Abril para, obedecendo aos desejos formulados pelo Santo Padre, celebrar o dia do Oriente.

Rezámos pelo regresso dos cismáticos e à noite assistimos a uma sessão de que foi orador o Rev.mo Dr. David de Azevedo O. F. M., professor de Teologia no Seminário da luz. Fixou Sua Rev.a as medidas aconselháveis por parte dos católicos no esforço pela união.

Tivemos ainda ocasião de arquivar alguns conhecimentos úteis sobre a Obra da Propagação da Fé numa outra sessão promovida para o efeito pelo Círculo Missionário de S. João de Brito.

Romeiros da Paz

É bem significativa a concentração anual em Fátima dos que, pelas nossas dioceses, estão às portas do sacerdócio.

Também os nossos 27 finalistas se foram juntar aos demais no lugar santo em que a Senhora apareceu, apontando aos homens os caminhos da paz... paz, o anseio malogrado do nosso mundo em controvérsia

Cada sacerdote que se ordena é uma nova e segura esperança de paz que desponta, paz autêntica, aquela que começa por reinar no interior das consciências, a única que assegura o entendimento social.

Uma exposição

Mais uma iniciativa feliz a registar: os académicos de Filosofia expuseram Trabalhos Manuais.

Usando a madeira como matéria prima, alguns artistas revelaram, a par de fino gosto estético, dotes invulgares de paciência e observação, patentes nas peças muito bem acabadas e de delicado trabalho de pormenor. O 1.º Prémio coube a Jorge Carvalho.

Coro Polifónico

De novo ecoaram as nossas vozes no largo recinto do Pavilhão dos Desportos, durante o concerto ali realizado no dia 30 de Maio.

Foi a segunda vez, e o público acorreu numeroso, pressentindo excelente ocasião de se cultivar e recrear, e prodigalizando aplausos prolongados no final de cada uma das interpretações.

A. TAVARES

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

Telefones 54012 51594
TRANSPORTES SIMÕES
José Simões
Transporte para qualquer parte do País
Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA L.DA
Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 —BEJA—Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

Sociedade de Tapeçarias, L.da
ESTOFADORES E DECORADORES
Rua Augusta, 126 - 130 — Tel. 26669
Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.
Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas
As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros
Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Telef. 704

Livraria e Papelaria Moderna
Machado & Ribeiro, L.da
Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 - História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur. 16$00 Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00
Material Escolar
Peçam catálogos indicando o género de livros

Assinaturas pagas directamente

Cón.º Francisco Maria Félix
Cón.º António Campos
P.e Manuel Vieira
P.e Bernardino José Teixeira
P.e João Evangelista Sarrico
P.e João de Sousa
P.e Manuel Maria Henriques
P.e João António Governo Madeira
P.e António Marques Baptista
P.e José Feliciano Rodrigues Pereira
P.e Manuel Ribou Lopes
P.e Fernando Maurício
P.e José do Carmo Vicente
P.e António Dias de Matos
Dr. Joaquim Rasteiro
José Garcia
Valentim Borges de Freitas
Raimundo Garcia Bulcão
José Luís Abreu e Lima
Prefeitura da Imaculada Conceição — Alcains.



JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

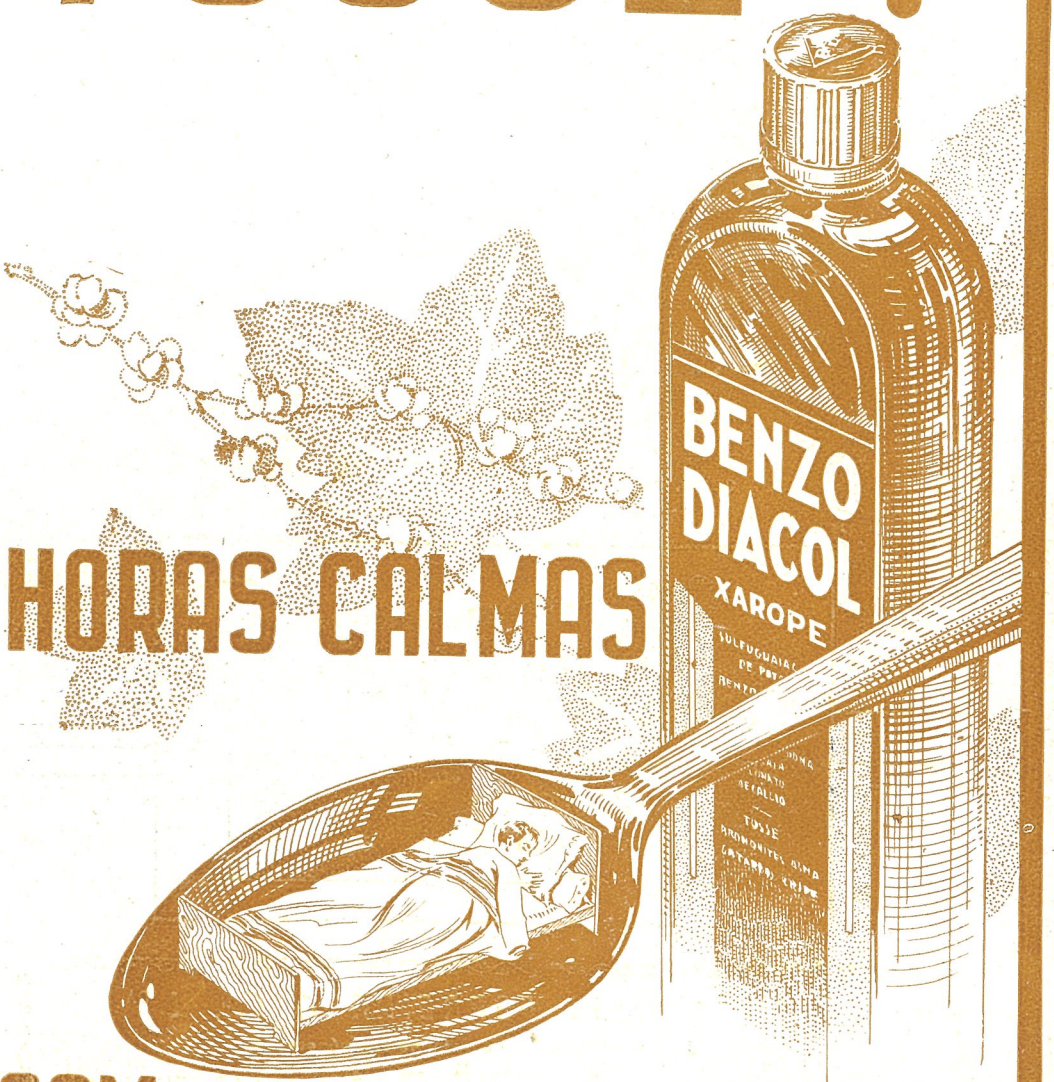
Lustres — Lanternas — Placas -- Castiçais — Lâmpadas -- Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA -- RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL